

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1904

N.º 123



Monsenhor De Macchi

Novo Nuncio Apostolico em Lisboa

# CHRONICA

EMQUANTO no extremo oriente se travam grandes batalhas para engrandecimento da raça e para o predomínio da nacionalidade, talvez convenha contar-te, leitor amigo, como nós, aqui, no extremo occidente, andamos apercebidos para uma grande peleja, que, por ser inerente, nem por isso tem deixado d'inspirar-se — nas instruções do generalissimo dos exercitos de terra e mar do Japão, na parte em que manda reservar todo... o noticiario ás potencias neutras. N'um seculo em que se dizia constituir a publicidade a base fundamental para se exercer, em toda a sua amplitude, o direito d'apreciação e livre critica, não faltavam ingenuos para suppor que os povos nas suas contendas internacionais e os partidos politicos nas suas luctas intestinas, submetteriam todas as suas contendas ao criterio... das paixões e dos interesses dos seus julgadores. Houve, por isso, quem acreditasse que o tribunal da Haya seria o julgador de todos os pleitos entre as nações, — e que o tribunal da opinião publica seria chamado a sentenciar em todas as desavenças dos agrupamentos politicos.

A illusão está sendo aggravada com um duplo desengano: no extremo oriente é o apóstolo da paz quem faz a guerra, no extremo occidente é o prégador da vida nova quem faz a intriga! Lá a ambição do invasor é instigada pela crença, ferozmente egoista, de que o triumpho virá a ser devido mais ao receio d'uma conflagração universal do que a uma victoria gloriosa; aqui a ambição do predomínio fundamenta-se na esperança de que as difficuldades da occasião, originadas n'uma doença larga e lamentavel, possam tornar especialmente propicio o momento para o assalto premeditado. A intransigencia, em ambos os casos, fundamenta-se na mesma carencia de sentimentos alevantados e generosos. Para a direcção d'um grande imperio ou para a direcção d'um grande partido, as distancias, como se vê, estão approximadas pelo egoismo e pela ambição. Não fazemos o paralelo n'um intuito de ridiculo. Pomos ao mesmo nivel os ambiciosos, que se valem da occasião para abrirem, com a guerra, o caminho para a dominação. E, sobretudo, o que quero mostrar-te, leitor amigo, é que n'este seculo das luzes tu andas ainda completamente ás escuras. Sabes tanto o que se passou em Porto-Arthur no extremo final da península Liaotang, nos ataques feitos pelos japezoes, como o que corre aqui em Lisboa, nos confins da rua dos Navegantes, nas ultimas conferencias entre os magnates do partido progressista. Por mim não posso esclarecer-te sobre a verdade do que se tem passado em Chemulpo, — que é o caminho para a conquista de Seul, mas algo posso elucidar-te sobre o que tem occorrido nas proximidades da historica rua, vizinha da Estrella, — que é o phanal e é o caminho por onde muitos tem trepado para a conquista do poder. Como os segredos podem convir ás diplomacias do conde de Lomsoorff, que tem a responsabilidade das negociações externas da Russia, ou ao marquez de Ito que na sua qualidade de homem superior é quem *todo lo manda* no Japão, mas não podem servir aos interesses d'um chronista, que tem de prender o leitor com aquillo que escreve, eu vou contar-te p a pá, *Santa Justa*, tudo quanto sei, pondo na fidelidade da narrativa o empenho interesseiro de quem aspira aos teus favores.

Como nos dramas feitos na methodica orientação classica, principiemos pela apresentação das personagens e pelo desenvolvimento da situação. Eu estou escrevendo não só para Portugal, mas tambem para o Brasil. O nome d'esta revista é um programma indicador d'essa obrigação. O que para Lisboa seria inteiramente dispensavel, torna-se forçado para a boa comprehensão no Rio de Janeiro.

Antes de começar, pois, pouhamos um pequeno prologo, como pomenor da *mise-en-scène*.

Em toda a sala de visitas d'um paiz constitucional que se preza, é sabido serem parte integrante e imprescindivel da mobilia ornamental, dois grandes jarrões que se defrontam — tal qual como em tempos idos foi moda dispôr dois cães de faiança, que se desafiavam permanentemente: são os partidos de governo, os que se alternam no mando e na opposição do Sua Magestade. Ao correr o panno, portanto, deve apparecer um salão com dois jarrões. Para a fiel representação da verdade convem que só um d'esses jarrões illustres, o regenerador, na nossa sala de visitas appareça com o seu nome inteiramente justificado — porque sendo um partido está realmente partido. Um cavalheiro de genio arrebatado, de nome João Franco Castello Branco, quebrou-lhe uma das azas, n'um impeto de mau humor. O outro jarrão, o progressista, no primeiro acto, apparece inteiro. Levou, é certo, alguns *gatos* em concertos anteriores, mas estará aparentemente intacto, como quando sabiu da olaria da Granja, que, como se sabe, fica proxima da reputada fabrica da *Vista Alegre*, uma das que melhor apresenta a caqueirada nacional. A symetria soffre. Um partido *partido* e um partido *inteiro* dão á sala nobre um aspecto de bazar pobre. Mas assim é que deve ser.

Feita a descripção da scena no seu ornamento primordial, travemos agora conhecimento com as personagens principaes da peça.

O sr. José Luciano de Castro é aqui o chefe incontestadissimo do partido progressista, que com o regenerador, actualmente no poder, — n'um ministerio presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, — constituem os dois agrupamentos politicos, que, com excepção d'um curto intervalo aberto por difficuldades especiaes, tem, desde muitos annos, as responsabilidades e as glorias do governo da nação. O sr. Luciano de Castro veiu

para a politica aos vinte annos; poz nas luctas partidarias toda a paixão da sua mocidade; deu aos combates parlamentares todo o entusiasmo da sua palavra; accentuou nas batalhas da imprensa o fremito ardente da sua calorosa vivacidade de batalhador infatigavel. Cada dia que passava surgia para elle ensejo para nova investida, — sempre memoravel porque não sendo o seu feito para blandicias e contemporizações, nem pedia favor nem usava de misericordia. A palavra era um latego, a penna era uma lança. Os adversarios sabiam que precisavam ferir-o a golpes profundos; elle sabia que precisava dar forte para escapear á sanha da investida. Quem procurar fazer a historia dos ultimos cincoenta annos da politica portugueza, tem, por isso, de escrever minuciosamente a biographia d'esse homem, d'uma pujança infatigavel que, algumas vezes, quasi desacompanhado, bastou para resistir a luctas temerosas. Foi assim, á custa d'um labor sem tregos, que elle levou de vencida más vontades, invejas, odios, intrigas, conspirações multiplas. Foi assim, á força de talento, que elle abateu rancorosas deprecições, e firmou em titulos d'uma limpidez irrecusavel, merecimentos e situação. Foi assim, que, depois d'uma ultima difficuldade suplantada com um ultimo triumpho, elle chegou á situação de chefe do partido progressista. — E desde esse momento ninguem foi mais completamente chefe do que elle tem sido.

Alliadas a estas qualidades caracteristicas do politico, juntam-se as do seu trato intimo — que é feito pela benevolencia mais affectuosa unida a uma tendencia irresistivel para accrescentar com a jovialidade a liberdade da convivencia. D'aqui resultou uma occorrença singular: nos vinte annos da chefia do sr. Luciano de Castro, o partido progressista tem uma casa para Centro de reuniões só para se dar o luxo d'esse desperdicio. Ninguem lá vae. E' como uma igreja, que pode ser aberta para o culto, mas que tem o sacrario, com as santas particulas, n'uma capella da vizinhança. Assim o sacro tabernaculo da igreja progressista está no oratorio domiciliar na rua dos Navegantes, 37. Lá vão os feis, invariavelmente. Há *lausperennis* todos os dias. A mesa da... communhão, essa, então, é sempre frequentada. Devotos ha que vão sempre em jejum — para não perderem occasião... de consumir o pão eucharistico.

Compreende-se, pois, perfectamente, como este chefe de partido é considerado um chefe de familia. Não prende só pelos laços disciplinares. Domina como se tivesse, com todos, laços de parentesco. E' menos pelo interesse do que pelo coração que se obedece aos seus desejos e se acatam as suas instruções. E porque tudo isto, com inteira verdade, é conforme o estou aqui escrevendo, os espalharem-se as primeiras novas de que uma doença prolongada ia retirar da vida activa esse homem tão querido, houve uma commoção intensa, como se na casa de cada um d'esses partidarios occorresse uma d'essas calamidades fulminadoras que obrigava á transformação de toda a existencia anterior. Mas a dor, por mais sentida, não pode vibrar exclusivamente no coração humano, nem a desgraça, por mais injustificada, deve dominar deveres que são a essencia mesmo da razão de ser das sociedades politicas. A imperiosa necessidade de que outro o substituísse — para que o seu agrupamento, disciplinado e activo, se mantivesse prompto a assumir as responsabilidades de governo — como é indeclinavel dever dos partidos, — foi no cerebro do sr. José Luciano de Castro que primeiro surgiu. Da tempera do exilado voluntario do mosteiro de Yuste, não o acobardou o tomar, em vida, as disposições para os funeraes da sua chefia, e procurando a solução que lhe pareceu melhor quadrar á sua successão, quiz preparal-a chamando dos seus antigos logares-tenentes aquelle que, pela ordem da antiguidade, podia invocar direitos de preferencia. Era o sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão.

E' occasião, agora, de esboçar, para os que me lerem no Rio, o perfil d'esta personalidade.

O sr. Beirão é um antigo ministro da justiça de 1886, que depois d'isso fez sempre parte de todas as outras situações progressistas, e que d'ellas alcançou o ser conselheiro d'estado. E' membro da Academia, e deputado em successivas legislaturas. Ser membro da Academia em Portugal não significa ser um grande sabio, ou um grande escriptor, como o ser sempre deputado não significa o ser um grande influente eleitoral. Não discuto os titulos com que o academico foi recebido, mas não lhe faço injuria accentuando que nunca veiu á camara com auxilio de votos alcançados pela sua influencia pessoal. Nem admira. O sr. Beirão tem, politicamente, as qualidades contrarias ás do seu antigo chefe. Nem cuida em crear afeiçoados, nem pela natural frieza do seu trato convida a intimidades que seduzam. A sua voz não tem notas definidas: tem a implicativa aspereza dos dentes d'uma serra quando, para os afeiçoar, são feridos pelo attrito d'uma lima d'aço. Refiro-me á sua voz porque ella traz de nota caracteristica da sua personalidade. Tenho encontrado mais pessoas queixosas das suas palavras, sem nenhuma blandicia enervosa, do que das suas negativas a todo o favor, ostentadas com a altivez, de quem com semelhante proceder espera alcançar a benemerencia publica. E' ferro, roçado pelo aço, no seu trato, na sua oratoria, nas suas relações com os adversarios, na sua convivencia com os partidarios, na sua attitude para com a corôa, nos seus futuros projectos como dirigente. Quando é ministro, para attenuar, quanto possivel, o beneficio dos despachos que, afinal, tenha de fazer, fecha-os na gaveta — até á maxima delonga que esta retenção possa executar-se. Para esfriar qualquer impeto d'agradecimento, que porventura se lembrem de dirigir-lhe, não dá mais que a ponta dos dedos no cumprimento inicial da conversa. Para não ter de ser cortejado com dividas de sympathia, os seus discursos só vibram em elogios calorosos, e até por vezes artisticos, quando os elogiados passaram para sempre os humbraes da eternidade. O necrologio é a unica forma para a expansão dos seus sentimentos amoraveis para o resto da humanidade! Dir-se-lia ser preciso entrar n'uma tumba para se poder entrar n'aquelle coração. Parece indispensavel ir perante o Supremo julgador, esperar a sentença, veneranda, para alcançar que aquelle advogado defenda a causa do enregelado cliente.

E' facil comprehender que com esta somma de qualidades negativas para um politico, o sr. Beirão só podia lograr permanecer e subir em consideração partidaria, se puzesse ao serviço do seu chefe uma com-

placencia contraria áquella que usava com todos os que estavam na escala descendente do seu agrupamento. Tinha de ser um favorito — se não queria ser um desterrado. Um complacente para não ser um abandonado. Assim succedeu sempre, effectivamente. Durante a sua longa subordinação o ministro acatou reverenciosamente todas as deliberações supremas. Pela morte, pelas divergencias, pelas incompatibilidades, que a irrequieta natureza dos homens de talento tende a levantar n'uma lei fatal e irresistível, pouco a pouco, foi rareando a fileira dos que sendo do seu tempo lhe eram intellectualmente superiores. Elle teve a fortuna de ficar — para elogiar os que morriam e para se consolar da perda dos que se afastavam. E ficou sempre transigente, sempre submisso, sempre regular cumpridor das ordens superiores. Suppór que este pudesse contrariar um desejo do sr. José Luciano de Castro, enquanto elle dispuha de saúde e estava em situação de dispensar todo o auxilio, seria uma monstruosidade tamanha como a de acreditar que um satellite se desviasse do planeta que o domina.

Taes são os homens nas suas qualidades externamente evidenciadas. Claro está que eu me limitei n'esta descripção, ao que só é do dominio da critica politica. As personalidades, pela sua face moral, não teem de sofrer reparos. Tanto mais que a honestidade das pessoas a quem alludo é acatada — na homenagem mais merecida.

Traçado assim o primeiro acto, — o acto da apresentação dos personagens, — passemos agora ás surpresas do drama.

Como resultante do perfil sincero dos actores que eu metti em scena, uma cousa esperarás tu, leitor, dos dois hemisferios: estando vivo, e com as melhores esperanças de longa duração, o chefe do partido progressista, e apenas inhabilitado, por doença pertinaz, de tomar a direcção de um ministerio que a urgencia das circumstancias torne necessario formar, o obediente e disciplinado logar-tenente, que a essa obediencia e disciplina deve toda a sua carreira e situação actual, nunca, como agora, se terá apressado a estender a transigencia, puxando a á fiera, para dar todos os limites, procurando assim evitar o minimo descalabro ao partido, que o engrandeceu, e a menor contrariedade ao chefe, que o protegeu? Se fosse isto não haveria drama. Não! A contradicção com a regularidade da existencia é que dá as peripecias para a enscenação.

O sr. Beirão, o humilde, revoltou-se. O sr. Beirão, o desambicioso, proclamou-se independente dos passados desinteresses. O sr. Beirão, que sempre foi um mandado, reclamou a auctoridade para o mando absoluto, sem entraves nem restricções. E para firmar bem os seus propositos de governação autoeratica fez como aquelle criando da comedia, que aproveitou a partida do patrão para o campo para se armar com a bengala, que era o seu eterno pavor, e querer pôr na rua, á cacetada, todos os parentes proximos que ali tinham domicilio! Chamado pelo sr. José Luciano para o substituir na presidencia de um ministerio, que este tinha motivos serios para julgar imminente o ser-lhe oferecido, poz como primeira condição... a nenhuma futura interferencia de quem lhe fazia o convite, — porque precisava ficar com toda a liberdade de acção. Já o introito é, pelo menos, singular. Como desatenção é perfeito, mas como nitidez é concludente. A delicadeza natural de quem de tão boa mente procurava despojar-se da investidura suprema, certamente terá soffrido com a rispidez do primeiro repello. Mas o intento de não pôr melindres proprios onde tantos interesses alheios convinha encaimhar, levou o sr. Luciano de Castro a passar por sobre esta primeira exigencia. Talvez elle tenha posto até uma pequena nota de desdem, na exaggerada sobrançeria, de quem cuidava em excludo de uma interferencia, tão beneficeiosa como praticamente ligada ao respeito pessoal que lhe é devido. A minha imaginação está-o figurando, ao ouvir aquella imperitencia, erguer a cabeça, um pouco pendida sobre o peito, e acompanhar o relance de olhos, por sobre a luneta, com um sorriso ironico, emersando-lhe ao de leve o canto dos labios. E lá por dentro, acompanhando a malicia que o sorriso traduziu, formulou elle, certamente, uma exclamação, dispensavel de reproduzir aqui...

Mas o sr. Beirão proseguir. Depois da condição imposta e aceita, veio a explicação do motivo por que era precisa a inteira liberdade de acção: era para excludo do ministerio, que formasse, todos os collegas que tivera na ultima situação progressista, ha quatro annos:

— O sr. Sebastião Telles, que fôra ministro da guerra; que tem no exercito o renome e influencia resultantes de um trabalho largo e ponderado; que é o primeiro escriptor militar de Portugal; que tem as mais levantadas aptidões servidas por uma intelligencia cuidadosamente educada — excludo.

— O sr. Manuel Affonso Espregueira, que a todos os ministros da fazenda dos ultimos cincoenta annos excedeu nosmeticulosos cuidados de administrar parcimoniosamente; que soube fazer o sacrificio de dispensar aspirações espectaculosas de programmas incompatíveis com a situação especial do paiz, contentando-se em levantar o credito publico e em cortar exeresencias e desperdicios — excludo.

— O sr. Eduardo Villaça, um dos mais lucidos talentos que a moderna geração tem evidenciado; trabalhador infatigavel e espirito por tal forma dominado pela preocupação de não torcer os interesses do paiz e a justiça das deliberações, que não conhece pressas para tudo aclarar e esclarecer — excludo.

— O sr. José de Alpoim, o tribuno mais vibrante que o parlamento tem; a pena jornalística mais nervosa de que pôde dispor a imprensa do seu partido; o mais relacionado de todos os politicos progressistas; o mais activo de todos os seus propagandistas; o mais infatigavel procurador de todos os seus correligionarios; aquelle que por si só representa um exercito, mas que tem a suprema vantagem de ter realmente um exercito mobilizado e disposto a segui-lo incondicionalmente — excludo.

Esta hecatombe propiciatoria de tantos homens illustres, parece ter

sido acompanhada com a expressa exclusão ainda d'outros, não menos importantes, como é, nomeadamente, o sr. Eduardo Coelho, que a uma influencia eleitoral reconhecida allia um raro espirito de activa combatividade. O sr. José Luciano, que por si estava prompto a atirar-se á fogueira, para inteira tranquillidade do seu successor, apavorou-se com tantos sacrificios destinados para a homenagem e engrandecimento da coroação memoravel. Um régulo do Dahomé não celebraria a entrada nas funcções realengas, com maior numero de morticínios. Se, logo para começo, a parte grauda do partido era atirada ás grelhas, e devorada ás dentadas, como um sangrento bife á inglesa, o resto do agrupamento progressista ficava em risco de ir parar, successivamente, ás dependencias da real ucharia. E o caso não é para se tomar á conta de mera divagação humoristica, porque como complemento ás exclusões desde logo impostas, conta-se que se seguiu um ról de indicações, á laia de programma a executar, que traduzia uma reviravolta d'alto abaixo. Segreda-se, até, que um alto personagem, ao ser informado de que todo o existente teria remodelação formal, indagára «se a cadeira symbolica, que a lei lhe destina, tambem era enviada para o marceneiros...». Pois era. Essa cadeira estava tambem destinada a concerto, — para harmonisar o desconcerto geral.

Perguntarão os psychologos porque phenomeno extranho o sr. Beirão que, como ministro, foi sempre personagem apagado e sem vontade, apparece agora truculento d'animo e fero de coração? Por que ao offerecerem-lhe o logar sobre todos proeminente, é que a sua altivez desperta em disposições de tamanha intransigencia? Por que é que, quando estava tão proximo da sua mão alcançar o cargo em que o homem tem de ser o patriarcha benevolente para proteger toda a sua grey, annuncia, sem subterfuzios, querer enveredar por perseguições e exclusões de sua natureza contrarias ás funcções paternaes de chefe de partido? A explicação antes de correr de bocca em bocca, já tinha sido descripta na obra shakespeareana — espelho onde se reflectiram todas as paixões humanas.

O sr. Beirão está mordido no coração do seu coração pela serpente do ciúmes como se diz no *Mouro de Veneza*. O seu antigo collega José d'Alpoim, ao que se conta, inspirára-lhe a raiva indominavel da inveja mais obcecante. Para o repellir, repelle todos. Para o anniquillar, anniquilla todos. E' o sr. José Luciano que quer proteger o rival? Abaixo o sr. José Luciano. São outros antigos ministros, seus collegas, que o querem amparar? A terra com elles. E' o partido, que n'elle especialmente colloca as melhores esperanças? Destrua-se o partido. E' o rei que o tem na conta d'um dos elementos mais valiosos para a sustentação do prestigio da monarchia? Corte-se á segurança régia a protecção das vigentes leis de defesa. Se chega a convencer-se que Jupiter intenta favorecer o sr. Alpoim, o sr. Beirão não hesita: manda armar a eça que lá tem, — quer dizer, chama o seu futuro ministro Eça Azevedo, — e faz solennes exequias, com neerologia, aos deuses do Olympo. Por agora, ao que parece, contenta-se em ter accessos dois tocheiros: um dizem que é destinado a allumiar o sr. João Franco; o outro ha quem supponha ser para fazer signaes aos republicanos. São, em verdade, os dois sitios por onde é seguro... não transitar o sr. Alpoim.

Tal é, leitor amigo, a historia intima da guerra em que ao presente arde este recanto do extremo occidente. Precisei explicar-te tudo para que tudo pudeses comprehender. Nas guerras modernas, meu amigo, os mysterios que inspiram as luctas armadas, são o quebra-cabeças dos que d'ellas se occupam. Primeiro que se chegasse a perceber que para assegurar a intangibilidade do dominio da China, é que a Russia e o Japão se procuravam estrangular, levou seu tempo. Certamente tu ficarias na mesma situação se eu te não contasse como o sr. Beirão, para estrangular o sr. José d'Alpoim, declara guerra a todos os seus antigos companheiros de governo, a tudo e a todos, mobilizando para isso os *jarretos* do jarrão progressista, que aqui deram em denominar *batibarbas*.

Em que virão a parar as duas luctas: a do extremo occidente e a do extremo oriente? Quem pôde dizel-o! Vae lendo os periodicos diarios para te inteirares dos successos *di lá*, e espera pelas minhas chronicas para te contar as occurrencias *di cá*. Os dois dramas estão ainda no prologo, que é a apresentação das personagens, e no acto inicial, que é o desenvolvimento do enredo. Henri Heine, prevendo a lucta do oriente, chamava-lhe humoristicamente «a guerra da porcellana». Eu, em homenagem ao fabrico nacional, chamarei a esta «a guerra do barro de Extremoz». Se a Senhora da Paz não intervem, pôde desde já affirmar-se que não ficará um prato direito no guarda louça das nações, nem bilha por partir na cantareira do paiz. Se os japonezes são vencidos, pôde dizer-se que os amarelllos vão ver-se russos. Se o sr. Alpoim não succumbe, os *batibarbas* vão ver-se pardos — que é a cor das calças lendarias.

Em todo o caso o que está desde já adquirido, para a verdade historica, é que os japonezes e os *batibarbas* teem a responsabilidade do rompimento das primeiras hostilidades. A responsabilidade é leve — quando a victoria a desculpa. Mas, ai! dos que não vencem! Tanto os povos como os homens publicos pagam cara a ousadia. O menos que acontece aos Estados — é diminuir a importancia da nacionalidade, e o menos que succede aos que tratam de dissolver os partidos — é perderem a importancia da sua anterior situação. E' o caso que espera o sr. Beirão, — é o caso, actual e bem expresso do sr. João Franco, o dissidente do partido regenerador, afadigado em apanhar adhesões e recolhendo e juntando todos os *cabidos*, n'uma promiscuidade extravagante. O altivo ministro de outros tempos julga-se hoje feliz, nos dias em que pôde despejar nas columnas dos seus jornaes o producto remuneador d'um valioso rebusco nocturno... Não parecia, pois, ser invejavel — passar de dictador de politicos a trapeiro de politiquellos.

# Salões, Ateliers, Interiores

## A residencia do Conselheiro Custodio de Borja

Uma das residencias de Lisboa mais interessantes, mais luxuosas e mais artisticamente decoradas, é a do sr. conselheiro Custodio de Borja, na rua Serpa Pinto.

Ausente ha dias de Lisboa, por ir tomar conta do governo geral do Angola, o sr. Borja, deputado da nação, official superior da armada, e uma das personalidades mais em evidencia e das mais consideradas na melhor sociedade portugueza, occupa hoje logar n'estas columnas, onde damos o seu retrato reproduzido de uma primorosa photographia ingleza, e onde apparecem, colhidas pela objectiva de Arnaldo Fonseca, as preciosidades decorativas que se espalham na casa artistica e sumptuosa.

Decerto em nenhuma outra, a China e o Japão ostentam em tão grande escala o que teem de melhor as suas faianças, os seus estofos, toda a sua arte applicada ao bronze e á madeira, todo o seu antigo *bric-à-brac*, de que esta casa unica é um repositorio, ao qual, n'este genero, não sabemos de nenhum outro que se lhe assemelhe.

Da elegancia, do melhor gosto, da superioridade da arte do Japão sobre a da China, pode fazer-se um estudo minucioso e completo na residencia do sr. conselheiro Custodio de Borja, porque em todos os ramos das bellas artes e das industrias de decoração nos dois paizes orientaes, os spcimens que ali se admiram são tão variados e profusos que constituem por assim dizer um esplêndido museu chino-japonez.



Conselheiro Custodio de Borja



Sala de entrada — Uma jarra

## Uma declaração necessaria

O direito de apreciação e de critica exercido sobre acontecimentos politicos, nacionaes, não é defeso ao *Brasil-Portugal*, apesar de não ser uma publicação quotidiana e de combate. Erra quem imagine que os assumptos que interessam ao paiz teem de passar em silencio n'uma publicação do genero d'esta Revista.

*L'Illustration*, *La Revue des deux mondes*, e outras grandes illustrações europeias, apreciam e discutem os acontecimentos politicos dos seus paizes, e algumas d'entre ellas teem peso na opinião.

São portanto descabidas quaesquer censuras feitas a este periodico por elle apreciar como entenda factos ou individualidades, que pertençam ao dominio publico. E, posto isto, o *Brasil-Portugal* declara que não responderá a insinuações, falsidades ou chocarrices, que partam de qualquer orgão da imprensa facciosa.



O escritório



A sala de jantar



Sala de visitas da casa do conselheiro Custodio de Borja

## Casimiro Dantas



† em Lisboa a 15-2-904

*Official distinctissimo do nosso exercito, espirito muito culto, jornalista brilhante e brilhante poeta, Casimiro Dantas, que a morte fulminou em pleno vigor da existencia, deixou em todos os que o conheceram, camaradas do exercito e camaradas das letras, uma saudade profundissima. O seu nome fica na nossa litteratura especialmente como poeta. São d'elle estes deliciosos versos, ineditos, que seu filho, outro grande poeta, Julio Dantas nos fez a honra de offerecer para o «Brasil-Portugal»:*

## Pôr de sol

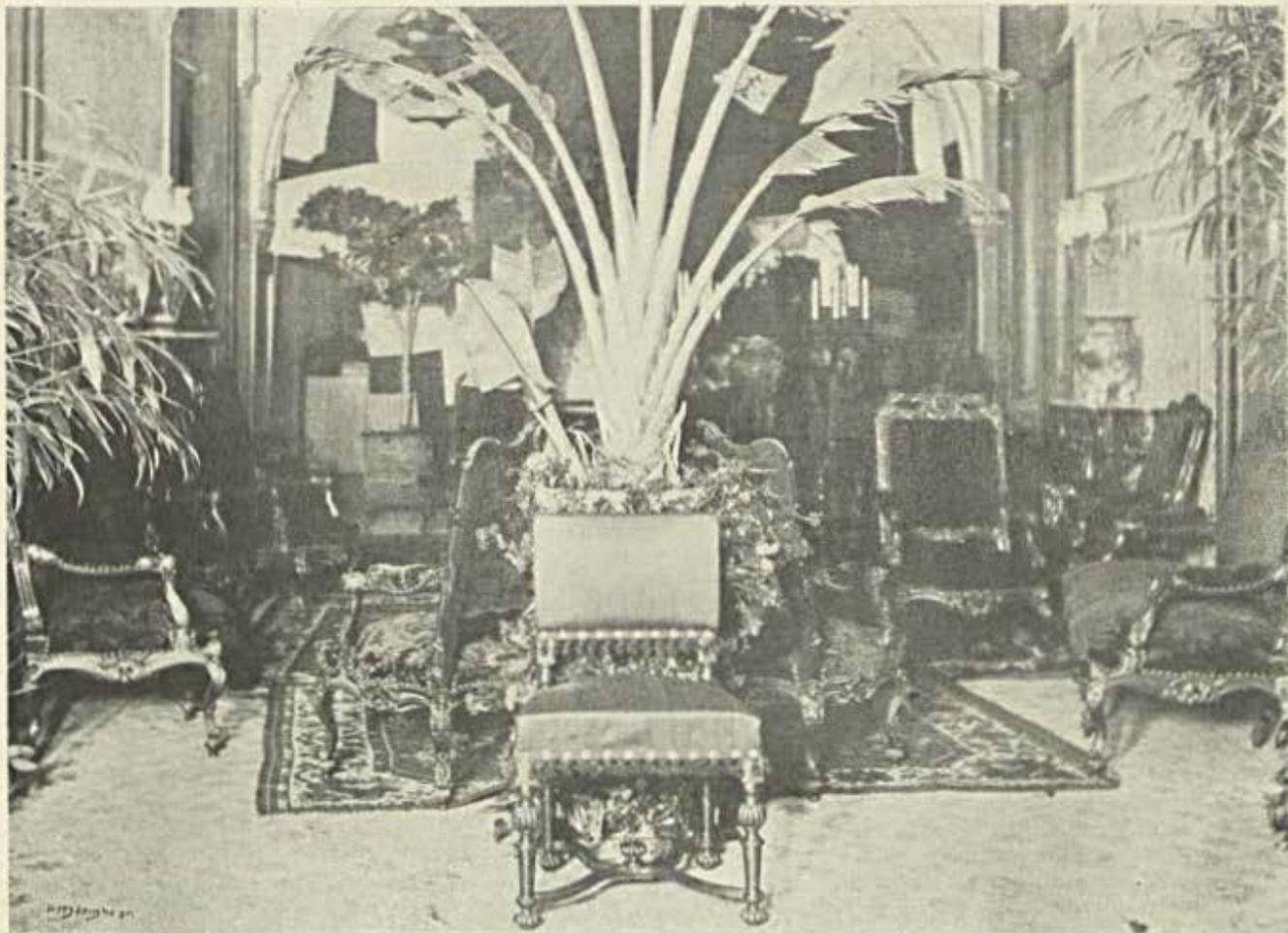
Pedaço alegre de praia,  
A' tarde. O sol, a cair  
Na curva do azul desmaia...  
Vae descansar, vae dormir.  
Bate-te o vento na saia,  
Sempre a bolir, a bolir...

A areia guarda, ainda viva,  
Na face como um trophéu,  
Todo o frescor da saliva  
Dos beijos que o mar lhe deu.  
E o nordeste em roda viva  
A brincar ro teu chapéu...

Chegam de longe, dolentes,  
Os sons de rudes cantigas;  
Singram defronte umas guigas  
Remadas por mãos valentes.  
E o vento a partir em estrigas  
As tuas tranças pendentes...

Rebolam, enovelados  
Garotos sujos, brincando;  
Ouvem-se os risos perlados  
Das andorinhas voando...  
Vae o nordeste beijando  
Teus lindos pés delicados...

Ladra um rafeiro ali perto;  
Trôpego, o sol já sumido,  
Deita-se ao longe ao comprido  
Na orla do mar deserto...  
Ergue-te o vento o vestido  
E mostra-me um céu aberto!



*Banquete oferecido pelos srs. conselheiros Raphael Gorjão e Wenceslau de Lima, Ministros da Marinha e dos Estrangeiros, à officialidade do navio brasileiro «Benjamin Constant», na noite de 13 de Fevereiro, nas salas da Secretaria dos Estrangeiros*

1.º Um trecho do salão de fumar — 2.º O aspecto da sala de jantar



A bordo do «Benjamin Constant»

O commandante S. M. a Rainha de Portugal  
El-Rei de Portugal  
Dr. Alberto Fialho, Ministro do Brasil em Lisboa

## No album

da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor B. Barreiros

O que diria o inverno  
Se a primavera formosa,  
Co'o seu sorriso mais terno,  
Sob o seu manto d'anil,  
Fosse pedir-lhe uma rosa  
Com que tocar-se, gentil?

Não sei o que elle diria!  
Mas, quem sabe? á fantasia  
Da visão fascinadora  
O inverno responderia  
Como eu respondo, senhora:

«Quem, como tu, nos seduz  
N'uma aureola d'esplendores,  
Colhe, ostenta as suas flores  
Que o gelo meu não produz.  
Bem vês, á doce harmonia,  
A' graça, ao mimo, á candura  
Que a tua voz reverbera  
Só mais se agrava a amargura  
Da minha aridez sombria.»

Seria assim? não seria?  
Que ás falas da primavera  
O inverno responderia?

MAXIMIANO RICCA.



A bordo do «Benjamin Constant» — Infanteria de marinha

## Abri!l

Manhã de Abril. Na vespera chovera, mas n'esse dia o sol tinha nascido n'um céu d'um azul lindo e fresco. Cada poça do caminho, cada pequenino charco, os atoleiros e as présas onde os bois pachorrentos vem beber, reluziam como pedaços de espadas dispersas pela verdura.

As ervas humildes bebiam contentes o sol e a agua...

Ha que tempos que a Maria caminha pelo carreiro que as maeiras em flor orlam!... As arvores estendem os ramos no azul e as flores finas e leves parece que vão levantar vôo. Vae contente, linda, com os seus olhos pretos a luzir como cabeças de grillo. Tem uma covinha no queixo, e os seios, espertados no lenço vermelho, parece que querem saltar, tal os novilhos que ella de quando em quando espicaça:

— Eh Malhado! Eh diacho!

Sorri, scisma. Os seus olhos brilham de malieias.

Os bois param por vezes olhando os prados verdes. Sobre ella caem flores das maeiras que orlam os eminhos — bando de borboletas que a vem beijar. E no entanto Maria pensa:



O ministro do Brasil e sua esposa, D. Sarah Hamilton Fialho, ao portalo do «Benjamin Constant», esperando Suas Magestades

— Estará lá como nos outros dias? O Antonio vir-me-ia hoje esperar?

Lá está no fundo o rio de aguas verdes e quietas, cheias de sombra e de tristeza; lá está — é certo — o Antonio á sua espera...

Caem as flores nevadas sobre o seu seio, sobre os seus cabellos: os olhos brilham-lhe negros e um sorriso alegre fal-a ainda mais bonita, aviva-lhe a covinha do queixo e a graça do buço leve.

— Eh Malhado!...

Primavera, sol a flux, as arvores a estremeecerem de alegria, o amor a nascer nos corações... Confundem-se os rebanhos dos dois pastores. Os bois pachorrentos e tranquilos bebem no rio, atravessando-o, mugeim, levantam o pescoço, e dois fios de agua correm das suas bocas. Para que a pastora se não molhe no rio o Antonio pega n'ella ao collo. E com que cuidado e ternura a passa para a outra margem, enquanto ella lhe lança os braços á volta do pescoço, córada, os olhos luzindo-lhe de malicia...

— Eh Malhado! Eh!

RAUL BRANDÃO.



A bordo do «Benjamin Constant» — A guarda de honra



OS RUSSOS NA MANDCHURIA — Um Posto de Cossacos

# POLITICA INTERNACIONAL

A hypothese por nós emittida na revista anterior, de que a interrupção das negociações por parte do Japão equivalia a uma verdadeira declaração de guerra á Russia, realisou-se completamente e com tal rapidez que ainda essa revista não tinha vindo a lume e já as hostilidades estavam abertas com o audacioso ataque dos torpedeiros japonezes á esquadra de Porto-Arthur.

Está a guerra por ora em começo e porisso mal se pôde apreciar ainda a situação dos belligerentes, se bem que o Japão possa contar desde já ao seu activo a inutilização, pelo menos temporaria, de alguns couraçados russos, e o desembarque sem ser molestado das suas tropas na Coréa. Esta segunda vantagem principalmente tem um alto valor, porque demonstra fóra de toda a duvida que logo ao romper da guerra os japonezes ficaram senhores do mar. Ora o mar de posse das esquadras do almirante Togo significa para o Japão a invasão da Coréa realisada sem ter que disparar um tiro, e para a Russia a impossibilidade de se oppôr a esta primeira e importante operação da campanha e ainda a impossibilidade de poder abastecer por via maritima o seu exercito da Mandchuria, o que pôde ser para ella gravissimo no seguimento da guerra, se são verdadeiros os boatos que de ha muito insistentemente correm a respeito da insufficiencia do transsiberiano. Tem mais o Japão até este momento a vantagem da enorme força moral que alcançou com a sua primeira victoria. E' claro que a situação pôde variar amanhã por um desastre soffrido em terra pelas tropas do Mikado, o que para muitos se afigura não só como altamente provavel senão como de todo o ponto certo, embora varios symptomas de grande peso principiém no espirito de alguns a fazer excluir esta hypothese.

Qualquer que seja, porém, o desenlace da lucta agora iniciada, é evidente que a guerra russo-japoneza está destinada a marcar não só uma data importante na historia das duas nações, mas tambem o principio de uma nova epoca na historia da humanidade.

Uma conceituada revista de Vienna — *Die Zeit* — no artigo que no seu ultimo numero dedica á guerra do Extremo Oriente, faz notar o caracter singular que a distingue de todas as guerras precedentes. E' preciso recuar até o seculo x<sup>v</sup>, quando os turcos invadiram a Europa e pozeram fim ao imperio romano do Oriente, para se encontrar uma situação historica que apresente alguma analogia com a actual. E ainda assim a semelhança está longe de ser completa.

Então, com effeito, o imperio europeu que os musulmanos atacavam representava a extrema decadencia de um poder a decompôr-se, cuja debilidade senil excluia toda a possibilidade de resistencia.

Além d'isso a lucta da Asia contra a Europa conservava essencialmente um caracter religioso, separando por incompatibilidade irreductivel os dois mundos que assim se chocavam. Era o Alcorão que vencia o Evangelho; Mahômet que suplantava o Christo, e Byzancio corrompida muito embora e enfraquecida, caia protestando contra a victoria da barbarie sobre a civilização. A Asia, mesmo victoriosa, continuava a ser a Asia. Constantinopla vencida pensava já nas futuras desforras.

A situação hoje é muito diversa.

A nação europeia que soffre o embate da Asia não é uma nação decadente, mas em vez d'isso um estado em plena expansão progressiva. Por outro lado a nação asiatica que ataca, não é uma nação barbara como o era a Turquia de Mahomet II. Pelo contrario, representa um typo superior de civilização, com requintes até de uma adiantadissima cultura, que lhe pôdem invejar algumas das nações mais civilizadas da Europa. Não é tambem qualquer questão religiosa que, como no seculo xv, divide agora os dois mundos. Os dois contendores representam qualquer d'elles pontos de vista modernos. Trata-se de parte a parte da defesa de interesses nacionaes, como poderia acontecer entre duas nações da Europa.

A linguagem que um e outro emprega é a da moderna diplomacia, e difficil se torna perceber no procedimento das respectivas chancelarias qual dos dois belligerentes está mais proximo do modo de sentir do Occidente. Diz a revista *Die Zeit* e com razão, que nunca se gastaram menos palavras nem se empregaram phrases menos retumbantes para se tomar resolução tão transcendente. Um simples despacho enviado pelo Mikado ao seu representante em S. Petersburgo para interromper as negociações entre o Japão e a Russia, eis na sua singelleza verdadeiramente epica o inicio do conflicto, que está destinado a abrir uma nova epoca historica. De que lado está a Asia no sentido tradicional da palavra? Difficil será dizel-o.

Escreveu com grande propriedade o correspondente de uma importante folha ingleza, que quem quizer aprender a «guerra modernissima» deve ir ao Japão presenciar os acontecimentos que ali se preparam.

Pois se na arte da guerra tem o Imperio do sol nascente já bastante que ensinar ás nações da velha Europa, não o tem menos na arte da diplomacia, onde elle acaba de empregar processos novissimos, que encheram de espanto as venerandas tradições da classica diplomacia occidental. E' indubitavel que pela primeira vez na historia a Asia se apresenta a disputar á Europa a hegemonia no conti-



O Porto Arthur — Uma inspecção pelo estado-maior do almirante Alceixiev

nente que foi o berço da civilização. Já a disputara de outras vezes na antiguidade, mas sempre com máo exito, porque a disciplina do mundo occidental ella só sabia oppôr as massas sem organização dos seus chaoticos exercitos. Foi o que aconteceu ao imperio persa no tempo das guerras medicas e de Alexandre o Grande. Um punhado de gregos bem disciplinados conseguiram uma victoria esmagadora sobre as numerosas hordas de Xerxes e dos dois Darios.

A situação, porém, é hoje muito diferente. Como então a Asia levanta-se hoje contra a Europa; mas a ordem, a disciplina, a boa orga-



General Terautchi  
Ministro da Guerra no Japão



Japão — Uma companhia de infantaria  
marchando para fazer a guarda ao Palacio Imperial

personal e a coragem dos soldados que o compõem. Do outro lado apresenta-se um exercito muito menos numero, mas organizado superiormente, com uma disciplina perfeitissima, com armamento do mais adiantado, tendo assimilado todos os progressos dos melhores exercitos europeus e obedecendo a uma direcção intelligente e illustrada. N'estes termos todas as vantagens são da Asia, todas as desvantagens da Europa. E é exactamente esta situação invertida, que dá ao actual conflicto russo-japonês tão transcendente significação.

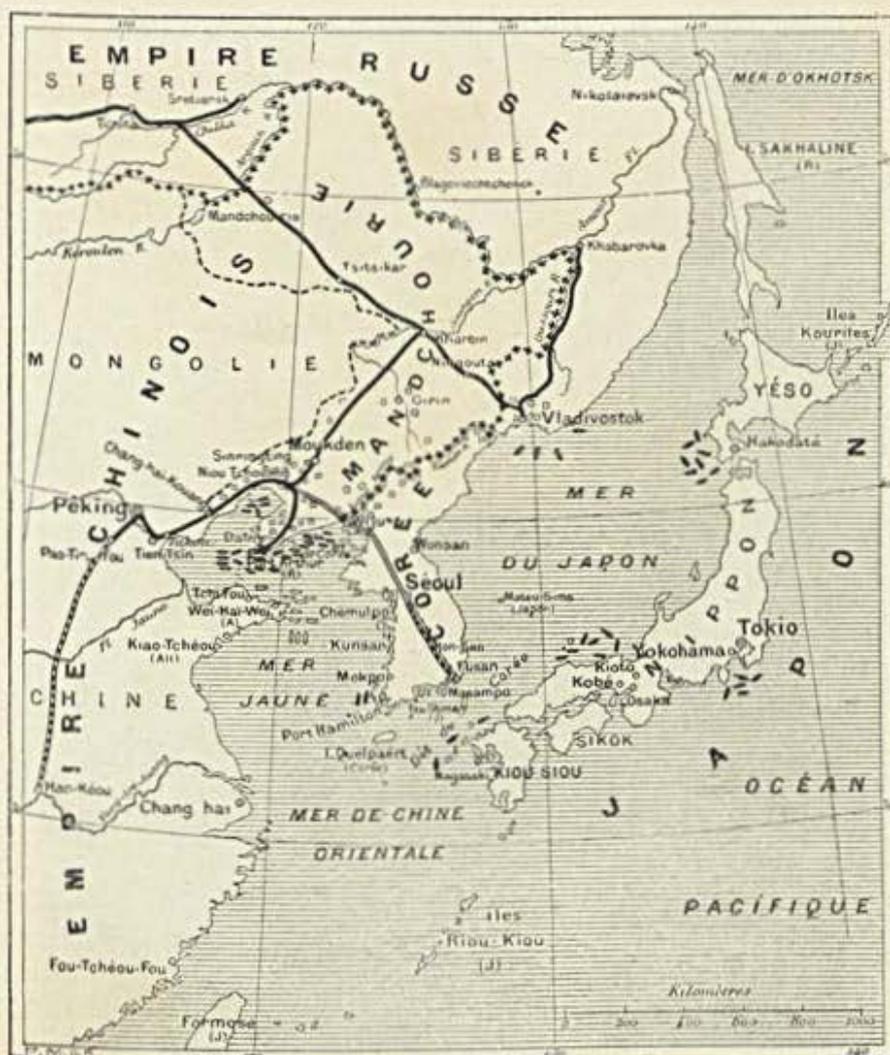
nisação, não estão, ao que parece, agora da parte dos europeus. Ha tambem de um lado um exercito immenso, maior, muito maior que o dos antigos reis persas. Mas esse exercito apparece com uma imperfeita organização, instruido precipitadamente, valendo mais pelo numero do que pela qualidade das suas tropas, não obstante o valor

Tudo leva a crêr, e é esta a incontrastavel lei da historia, que a hegemonia, que desde os tempos da Grecia e de Roma a Europa exercia na historia do mundo, está rapidamente passando para outros continentes. Durante o periodo classico e medieval dominou em volta do Mediterraneo a Europa do sul com as suas colonias do norte da

Africa e da Asia Menor. Este dominio estende-se no tempo até o seculo xv, em que os descobrimentos dos portuguezes abrem ao commercio do mundo o Oceano Atlantico, que ficou sendo desde essa epoca o mar da civilização. Por seu turno, porém, o dominio do Oceano Atlantico foi encontrando um rival no Oceano Pacifico, n'esse grande mar que banhando ao mesmo tempo as costas da America, da Australia e da Asia, está destinado a realizar o consorcio do velho mundo e do novissimo. Os factos que determinam o apparecimento d'esta nova hegemonia foram: o povoamento do Far-West americano e a correspondente actividade commercial que passou a animar todo o littoral do Pacifico dos Estados Unidos, onde a cidade de S. Francisco é a grande metropole futura da União; a unificação das colonias australianas, as quaes enfeixadas na Commonwealth transformaram n'um poderoso centro de attracção o grande continente do Pacifico do Sul; e finalmente o rapido resurgimento do Japão, que em menos de meio seculo se converteu n'uma das mais prosperas nações do mundo. De tudo isto resulta que o centro de gravidade da vida contemporanea se desloca das terras que o Oceano Atlantico banha para as que são banhadas pelo Pacifico. E' a lei fatal da historia.

A civilização, como o fez notar um conhecido escriptor, tem seguido o curso do sol. Caminha do Oriente para o Occidente; e hoje que o cyclo está completo, é dos logares d'onde o sol nasce que parece surgir a aurora de uma novissima epoca historica.

Assim a Europa, não obstante todas as suas pretensões, tem de resignar-se a vêr outros continentes tomarem a dianteira na obra da civilização. Hontem na esphera da scincia e da economia, hoje no dominio do commercio, da industria e da politica. Não ha ainda seis annos que a America, representada pelos Estados Unidos, expulsou do mar das Antilhas a Europa, representada pela Espanha, e já hoje assistimos á lucta da Asia, representada pelo Japão, para expulsar tambem do Mar Amarelo a Europa, representada pela Russia. Então fomos nós, os europeus, vencidos. Sel-o-hemos ainda d'esta vez?



Japão, Coréa e Mandchuria

Ha comtudo, uma differença radical entre o que até agora se passou, e o que actual-

mente se está passando no Extremo Oriente. Nas suas relações com a America, mesmo na ultima guerra hispano americana, a Europa foi apenas meio-vencida e pôde encontrar facil compensação para a sua derrota. E' verdade que *geographicamente* o velho mundo tinha-se visto suplantado pelo novo. A victoria fizera recuar a preponderancia commercial e politica alguns grãos de longi-

de nós. De modo que agora, se elle vence, é vencida de vez não só a Europa, mas a civilização occidental.

E' porisso que o conflicto russo-japonez está destinado a iniciar uma nova epoca na historia da humanidade. Para bem? Para mal? Não o sabemos.

O que é certo é que o canhoneio, que se está ouvindo para as ban-



Almirante Alexéiev

da esquadra russa atacada pelos torpedeiros japonezes



O conde Lamsdorf

Ministro dos negocios estrangeiros na Russia

tude para o Occidente. Mas no fundo a victoria ainda era da Europa. *Ethnographicamente* continuou o nosso continente a triumphar. Por ventura não são os Estados Unidos europeus pela sua população? Não são uma fundação do velho mundo? Não pertencem pela raça ás nossas velhas nações? Não falam a nossa lingua? Não teem a nossa religião? De modo que o ser a Europa vencida por elles ou pela Australia nada mais é do que a evolução natural, que substitue os paes pelos filhos, que renova a vida exausta dos ascendentes pela seiva exuberante das novas gerações que lhes succedem.

O caso do Japão é muito diverso.

Não se trata de um povo de origem europêa ou fundado por meio de colonisação pelas nações do Occidente. E' de uma raça distincta; pertence a um cyclo de civilização inteiramente diverso. Nem lingua, nem religião, nem tradições, nem historia, nada o aproxima

das de Porto Arthur, é a salva real que annuncia o advento de uma nova epoca...

CONSIG' IERI PEDROSO.

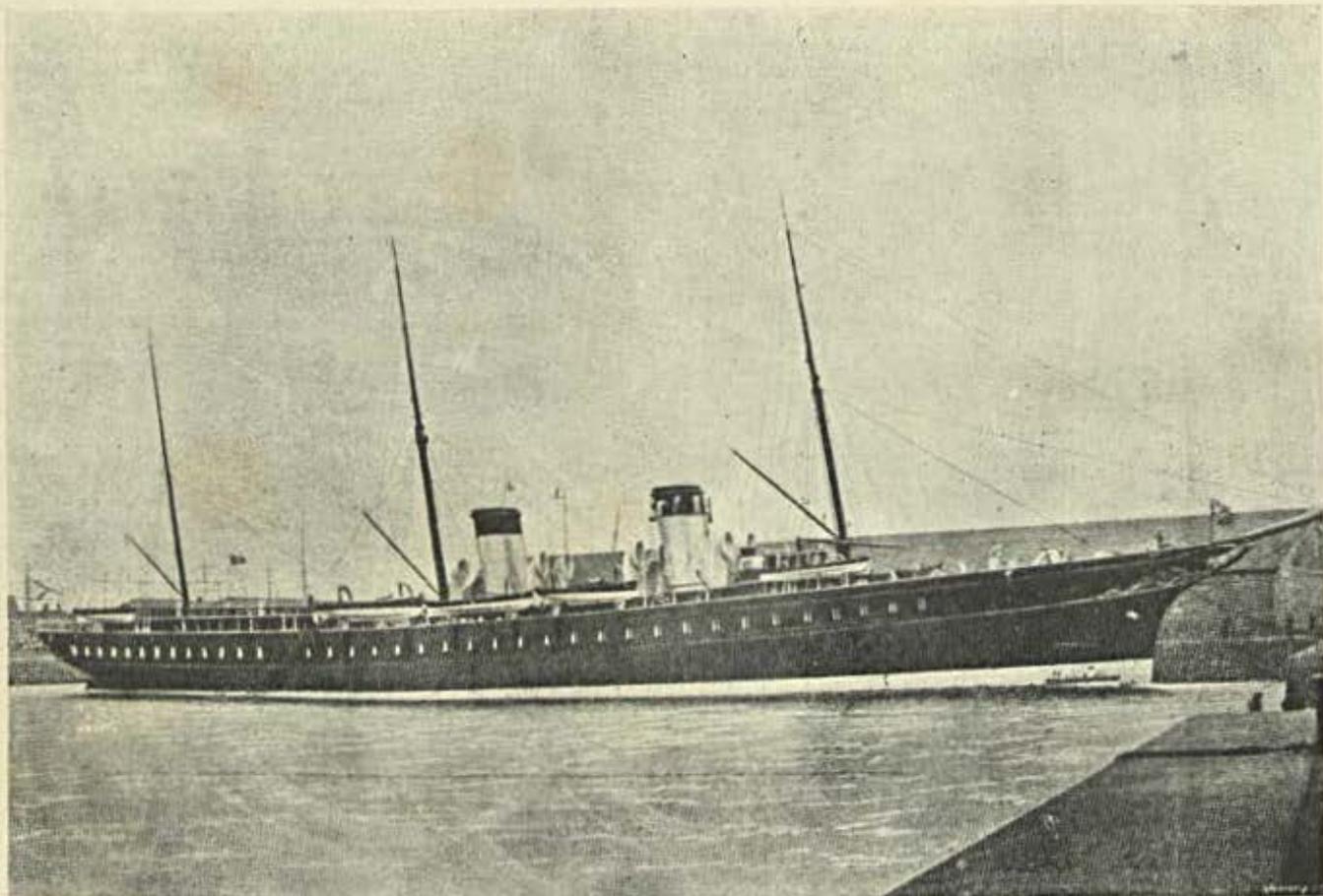


E' uma vergonha illudir aquelles que vivem connosco: mas ha um crime mais odioso ainda — é mentir á posteridade.

×

Não se deve escrever n'um momento de colera. Uma phrase é muitas vezes mais terrivel que uma punhalada!

MORALISTAS CHINEZES.



O yacht imperial "Standart", que o tsar poz á disposição do almirante Alexéiev



João Luso

## TRILOGIA DA MAGUA

### Fé

Pobre de mim que a tive... Amei; e que era amado julgava, com tal fé, com tão ingenua crença, que ainda hoje, ao reviver os sonhos do passado, do triste despertar não ha quem me convença.

Ella era para mim como um livro sagrado, puro, cheio de luz, d'uma bondade immensa; nos seus olhos eu lia o meu futuro, iriado das côres da ventura, ao sol da bemquerença.

Subitamente, a nau do meu sonho jocundo desmorteou, desgarrou, foi de encontro aos escolhos; senti-me então rolar a este abysmo sem fundo,

cheio de escuridão eriçado de abrolhos... Perdido para sempre! O' credulos do mundo, ó vós que tendes Fé — ponde em mim vossos olhos!

### Esperança

Olhos verdes, os seus, brilhantes de ternura, cujo fulgor subtil nos entorcece e escaida, fazem — meu Deus! — lembrar, sob a pestana escura, duas contas, a arder, de rutila esmeralda.

Não tem o proprio sol luz tão viva e tão pura, radioso, illuminando a verdejante falda; alma que a luz lhe sinta, ergue-se a estranha altura e, flâmula de amor, nos sonhos se desfaldia.

Cantou n'elles um dia a deleitosa e mansa musica passional do meu *Primo Pensiero*; mas logo me feriu essa dura esquivaça,

levando a minha dôr ao extremo exagero... Olhos verdes, da côr fagueira da Esperança, é d'elles que me vem todo este desespero!

### Caridade

Santa, Rainha Santa, em seu regaço occulto vae o obulo bendito; onde passa, levanta um côro celestial de bençãos; e o sepulto coração de Isabel dentro em seu peito canta.

Tem para cada dôr, para cada singulto, o balsamo do céu que os olhos lhe quebranta; ama a pobreza e faz da Caridade um culto, alma eleita de Deus, Santa, Rainha Santa...

Ai de mim que, a sonhar, doido de amor, immersos meus pensamentos n'ella, ousei transpor o espaço dos meus olhos nos seus e, em soluçantes versos,

escola fui pedir ao atrio do seu paço... Santa, Rainha Santa, em abrolhos perversos converteu, mal me via, as flores do regaço!

Rio de Janeiro.

João Luso.

# Cagliostro em Lisboa

O conde de Cagliostro figura entre as individualidades proeminentes da chronica secreta do seculo xviii. Este nigromante genial, este charlatão sem pudor, cuja existencia foi um verdadeiro *roman feuilleton*, espantou a Europa com o seu fausto e as suas alicantinas, fez delirar os pataus com as raposias das suas manigancias, com os trinca fios da sua astucia, com a força incoercivel do seu engenho patife. As phantasmagorias do mendacissimo impostor atemorizavam a côrte de Luiz XVI, que, no cairel da voragem, se distrahia com a varinha de condão de Mesmer e com os espectros de Cagliostro. Este nome deslumbrou a Europa das ultimas decadas do seculo xviii. E, como disse Philarrète Chasles, o seculo que sovava aos pés todas as crenças, acreditava no conde de Saint-Germain, o immortal, em Mesmer, o magnetizador, e em Cagliostro, o bruxo!

Cagliostro porfiava em ter conhecido Christo, prolongava a vida, dava a mocidade e adivinhava o futuro. Era um estrenuo propugnador das doutrinas de Paracelso, o heroe da pedra philosophal e da medicina hermetica. Alem d'isso, pretendia possuir a sciencia esoterica dos antigos sacerdotes egypcios. As suas prelecções giravam, ordinariamente, sobre tres pontos como sobre tres fulcros de diamante: 1.º, a medicina universal, cujos arcanos apprehendera; 2.º, a maçonaria egypcia, que tentou restaurar, porque a maçonaria escoceza, então predominante em França, havia perdido toda a tradição philosophica; 3.º, a pedra philosophal, de que daria a formula definitiva pela fixação do mercurio, e que devia assegurar a transmutação de todos os metaes imperfeitos em ouro — o sangue glorioso das arterias do globo. Brindava assim a humanidade com tres mimos preciosos: a saude do corpo, mediante a medicina universal; a saude da alma, mediante a maçonaria egypcia; e as riquezas infinitas, mediante a pedra philosophal. A solução das abstrusas equações alchímicas, o mirifico elixir de longa vida, os sortilegios da magia transcendental, o recondito mysterio hermetico, a fuliginosa sciencia cabalística e a arte divinatória por intermedio do algebrismo technico dos magos, constituíam outros tantos pratos de resistencia para este Pontífice Maximo do charlatanismo. Empregava tres grandes remedios nas suas curas: os banhos saturninos, em que predominava o sal saturnino, uma tizana, cujo récipe só era confiado a um boticario seleccionado por elle; e umas gotas, cujos effeitos miraculosos espalhavam a sua fama por toda a parte. Aos que lhe perguntavam quem era, respondia com voz grave, erguendo o dedo indicador para o céu: Eu sou quem sou!

Cagliostro era de estatura meã (cinco pés e uma pollegada), gordo, de pescoço grosso e curto, trigueiro, fronte calva, olhos negros, nariz aberto e arrebitado, bocca larga, mandibulas fortes, voz sonora e physionomia em que borboleteava um misto de petulancia, de descaramento e de bom humor. Usava os cabelos frisados e divididos em muitas tranças pequenas, que se levantavam depois em forma do que então se denominava *catogan*. No Paris de 1786, chegou a ser moda um alfinete de ferro bronzeado ou cinzelado, a que chamavam alfinete *à Cagliostro*, que servia para ligar aquellas tranças entre si. (1)

Cagliostro exprimia-se em italiano, com um pronunciado accento calabrez, e n'um francez macarronico, que era uma germania confusa, mas que, transitando pela sua bocca, tomava uma expressão estranha e produzia uma impressão funda. Um dos seus inimigos apreciou assim o tal enxacôco pantomimeiro: "Se o *galimatias* pode ser sublime, ninguem é mais sublime do que Cagliostro. Faz ouvir palavras retumbantes em phrases inintelligiveis, e excita nos seus auditores tanto mais admiração quanto menos o comprehendem. Tomam-n'o por um oraculo, porque tem a obscuridade do oraculo. Outro trampolino maior de marca, que o conheceu de perto, Casanova de Seingalt, acha-lhe, "com a sua audacia, a sua desfaçatez, os seus sarcasmos e a sua tratantice, uma figura muito agradável, e acrescenta que "era um d'esses genios tunantes, que preferem a vagabundagem á laboriosidade. Quasi todos os que viram Cagliostro o acharam empolgante. Assim, *Madame* de Oberkirch escreveu "que tinha pena de se arrancar a sua fascinação, que hoje comprehendia difficilmente, embora a não podesse negar. Lavater, apesar de physionomista, foi ludibriado por Cagliostro; e *Madame* de Urfé, uma entusiasta pela alchimia, depois de ter sido burlada por Saint Germain, foi enviscada por Cagliostro, que lhe surripou quinhentos mil francos para operar a invocação da sombra de Paracelso. O cardeal de Rohan tinha um busto do lendario trapaceiro com a inscripção: *divo Cagliostro*, perante o qual genuflectiam os profittentes da nova maçonaria. (2) Laborde, nas *Lettres sur la Suisse*, diz: "E' o homem singular, espantoso, admiravel pelo seu comportamento e pelos seus vastos conhecimentos. Ninguem tem mais espirito e mais illustração do que elle; sabe quasi todas as linguas da Europa e da America. E ainda modernamente, *Madame* de Thèbes, a illustre chiromante franceza, emittiu o parecer de que Cagliostro era um mestre beneficente, porque dava a esperança e prodigalisava a illusão. No seu tempo, Cagliostro teve apologistas e teve detractores. Para uns foi um thaumaturgo, para outros foi um demonolatra. Uns decretaram-lhe a apotheose, outros condemnaram-n'o ás gemonias.

Não nos faremos cargo de biographar Cagliostro, porque os *faits et gestes* d'este inegalavel burlão encontram-se descriptos nas *Encyclopedias*. A sua vida foi romantizada por Alexandre Dumas e o José Balsamo ideado pelo romancista palpita ainda em todas as imaginações. E' geralmente conhecida a quota-parte de Cagliostro

na falcatura histórica do collar da rainha Maria Antonietta, um dos factores remotos da queda da velha monarchia. A importancia politica d'este acontecimento revestiu tal caracter, que Mirabeau pôde declamar: "O processo do collar foi o preludio da Revolução"; que *Madame de Campan* pôde desenvolver sentimentalmente a mesma opinião; que *Saint-Just* pôde exclamar: "Grande e feliz negocio! Um cardeal gatuno e a rainha falsaria! Quanta lama sobre o baculo e sobre o sceptro!", e que *Goethe* pôde escrever: "Este processo produziu um abalo, que arruinou as bases do Estado.". Mas o livro de *Frantz Funck-Brentano*, *L'Affaire du Collier*, publicado em 1901, e baseado em documentos de monta, restabeleceu a verdade histórica e rehabilitou a memoria de Maria Antonietta, vermelha do seu proprio sangue, mas branca das suspeições que a tinham rancorosamente diffamado.

Após a traficancia epica do collar, o audacioso intrusão foi trampolinar para Londres, onde viveu á barba longa durante dois annos. Mas, nos fins de março de 1787, safou se do pandemio londrino para a Suissa, caloteando o seu fiel *Augustin* — cumulativamente cozinheiro, creado de quarto e mordomo — e larapiando as joias de sua mulher, *Lourença Feliciani*, a qual foi compellida a vender a mobilia do seu domicilio a *Mr. Christie*, avaliador judicial em *Pall-Mall*, e a recolher-se em casa do pintor *Southerbourg*. *Mr. Christie* leilou essa mobilia, que constava de um leito á turca, um piano, uma tapeçaria e varios moveis de acajú, além de crisoes e folles, que existiam na residencia de *Cagliostro* em *Sloane street, Knightsbridge*, N.º 4. (3) Com o producto do leilão, *Mr. Pridle*, procurador de *Cagliostro*, saldou as dividas do burlador profugo. O jornal londrense *Courier de l'Europe* proseguiu então na sua campanha contra o *Balsamico Cagliostro*, segundo o denominava, campanha encetada depois de vir á luz a *Memoria de Cagliostro*, em que o sa-gaz cavalheiro de industria reguingava ao libello accusatorio de *Madame de La Motte*.

*Goethe* interessou-se deveras pela figura estranha d'este embaçador famoso, e, quando viajou na Sicilia em 1787, recolheu todos os documentos attinentes a essa personagem satanica, com cuja mãe se relacionou em Palermo, e trocou depois correspondencia, improvisando cartas em nome do heroe e enviando-lhe dinheiro por mão do negociante inglez *Jacob Joff*. Quando *Cagliostro* foi

preso em Roma, o grande poeta germanico escreveu a *Genealogia de Cagliostro*, onde fez um appello ás almas sensiveis, appello que foi escutado e determinou a abertura de uma subscrição, da qual sahia uma mezada, que os membros da familia do inolvidavel aventureiro receberam até á morte d'elles.

*Cagliostro* esteve em Lisboa. O marquez de *Rezende* diz que elle chegou aqui procedente de Londres e com cartas recommendatorias para *Anselmo da Cruz Sobral* (4), assistindo até a uma serenata no palacio de *Quejuz* (5); mas *Camillo Castello-Branco* contradiz a procedencia indicada pelo monographo, asseverando que veio de Madrid e fundamentando a contradicta n'um livro hespanhol intitulado *Compendio de la vida y hechos de José Balsamo* (6). N'esta obra bebeu tambem a noticia de que a mulher de *Cagliostro* fôra amante de um rico mercador portuguez, e conclue que o mercador visado era *Anselmo da Cruz Sobral*. Vem a geito reproduzir aqui o perfil d'essa mulher, delineado por um tio de *Cagliostro* no *Courier de l'Europe* de 12 de junho de 1787: — "Dona *Lorenza* é extremamente bella, tem a cara e as feições delicadas, branca, olhos azuos, cabello castanho claro, fronte larga, nariz pequeno e um pouco aquilino, estatura meã. Deve contar actualmente 33 annos."

Resta saber quando é que *Cagliostro* veio a Lisboa. Supponmos que por duas vezes recebemos a sua visita, e estribamos a nossa opinião no seguinte. A *Réponse pour la comtesse de Valois la Motte au Mémoire du comte de Cagliostro*, publicada em Liège em 1786, refuta a *Memoria do celebrado misticador*, e, a paginas 18, fala da sua estada em Portugal, paiz de que *Cagliostro* cita apenas duas pessoas: "a que diz tel-o apresentado na cõrte e o seu banqueiro *Anselmo la Cruce*". Portanto, *Cagliostro* visitou, pela primeira vez, Lisboa antes de 1786, vindo talvez de Hespanha, e conheceu então o pecunioso *Anselmo da Cruz Sobral*, protector da quebradiça *Lourença Feliciani*, que sabia enfeitiçar os espiritos masculinos pelo caminho do coração, com o prasme de "um marido complacente para os amantes que pagavam, e feroz para com sua mulher, quando ella tinha inclinações estereis para o seu cofre.", consoante informava o *Courier*.

*Cagliostro* retornou a Lisboa em 1787, vindo talvez de Londres, como nos induzem a crer os dois documentos, que adiante traslaidamos. Reza assim o primeiro, que é uma ordem para se pôr em-

## O carnaval em Lisboa



O aspecto da Avenida da Liberdade



O batalhão da Ajuda



Um doente em bicycleta



A bicycleta premiada

pacho ás artimanhas do benzilhão franduleiro: — \*8 de Maio. Logo fiz presente a Sua Magestade a conta que V. S.<sup>a</sup> me dirigiu em data do dia de hontem, sete do corrente mez, com o assumpto da chegada do que se diz ser D. José, conde de Stephanis, e se acha alojado no café Neutral. Persuadindo-se V. S.<sup>a</sup> que este será o celebre Cagliostro, que fugiu de Londres, ou algum outro Aventureiro, costumado ás ideias de vida que tem praticado outros impostores: E a mesma Senhora, vendo que o dito conde de Stephanis ainda não tem dado a conhecer por acções positivas, que elle tem em sy projectos criminosos, e que não ha d'elle queixa ou rumor, que o constitua na veheamente suspeita de ser hum Réo: Hé servida que V. S.<sup>a</sup> por ora com elle não pratique procedimento algum, mas que trazendo-o debaixo das suas assíduas observaçoens e vigias, para lhe

revivescencia do occultismo oriental, e os cultores da chiromancia, da cartomancia e da graphologia.

PINTO DE CARVALHO (Tinop)

- (1) Racinet. *Le costume historique*, vol. IX.
- (2) *Réponse pour la comtesse de Falois La Motte au Mémoire du comte de Cagliostro*, pag. 47.
- (3) *Courier de l'Europe* de 13 de abril de 1787.
- (4) Marquez de Rezende. *Pintura de um couteiro nocturno e um sarau musical de portas de Lisboa*.
- (5) *O Panorama*, vol. 15.
- (6) Camillo Castello Branco. *Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*.



Visita do navio brasileiro «Benjamin Constant» ao Tejo. — Grupo de officiaes e dos dois secretarios da Legação do Brasil em Lisboa

serem constantes os seus passos, praticas e communicaçoens, logo que V. S.<sup>a</sup>, pela combinação de tudo, fizer hum prudente juizo de que se aproxima a pôr em exercicio ideias industriosas para por ellas passar a outras mais decisivas do seu character, e costumes criminosos, V. S.<sup>a</sup> o previna de os praticar, mandando-o logo despejar da Côte e sahir do Reino para fóra, com todas as cautelas convenientes e debaixo das comminaçoens das penas, que V. S.<sup>a</sup> achar que podem tirar-lhe a vontade de tornar aqui a apparecer. Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Villa das Caldas em outo de Maio de mil setecentos oitenta e sete. Visconde de Villa Nova da Cerqueira. Sr. Diogo Ignacio de Pina Manique. Tem a seguinte nota na margem: — «Aviso do visconde de Villa Nova da Cerqueira para que sendo D. José, conde de Stephanis, o famoso Cagliostro, o prenda.»

Não ha duvida de que este D. José, conde de Stephanis ou de Stephens, era Cagliostro, como se demonstra com este trecho do segundo documento, em que o Manique dizia ao Marquez Mordomo, Mór no dia 8 de agosto de 1799: — «O infame e indigno Cagliostro, conhecido pelas suas atrocidades em todo o Norte da Europa, foi pela policia expulso de Lisboa, onde tinha entrado com o disfarçado titulo de conde de Stephens, pelo receio que transplantasse n'esta Capital as suas maximas infames; de Lisboa passou a Italia, este grande apostolo dos Francmaçoens, instaurador da Francmaçonaria Egyptiana, e em Roma, no anno de 1791, em que foi processado, teve o castigo das suas indignidades.»

Parece-nos que o retrincado Cagliostro, na segunda visita a Lisboa, foi menos feliz que na primeira, porque o Manique pôz-lhe no encaicho os ophidios serpejantes da espionagem, que lhe baldaram as gamberrias de aldravão medieval pela bitóla dos lidimos charlatães, raça que ainda se não abastardou, como nol-o provam a

## As joias

No seu cofre de sandalo cheiroso  
Guarda a gentil e graciosa avara  
Entre montões de pedraria rara  
O meu retrato que lhe dei, choroso!

Talvez receiando as murmurantes falas  
E as importunas vistas indiscretas,  
Amortalheu-o n'umas rendas pretas...  
Deu-lhe por campa um grande mar de opalas!

Diz que de noite, em intimo segredo  
Abrindo o cofre, a valiosa prenda,  
Desembarça-o da oppressora renda  
Para beijal-o muita vez e a medo...

E que, se duas lagrimas divinas  
Boiam nos olhos, cristallino aljofre,  
Deixa-as rolar no interior do cofre  
Para reunir ás outras joias finas...

Dá-lhe repouso n'um logar mais santo!  
Embora temas importunas falas  
Salva o retrato d'esse mar de opalas...  
Deixa afogal-o n'esse mar de pranto!

JOÃO SARAIVA.

## O sonho d'um príncipe

(Excerpto)

SCENA III

Todos

OTHÃO

Cavalleiros! peões! soldados! Dae-me a lança!  
Emquanto em minha alma houver uma esperança  
Roma não morrerá! (*Trazem-lhe a lança.*) Na revolta cruenta  
Accendendo o horror á voz sanguinolenta,  
Na Italia a traição como um grito resôa,  
E a gloria quer sustar d'esta angusta corôa!

aponta para a corôa imperial.

Como um leão ferido em minha forte mão  
Eu hei-de estrangular, n'um impeto, a traição!  
Minha justiça atroz ha-de espantar a terra.  
E o echo do castigo irá de terra em terra!

Para os cavalleiros:

Burgraves! . . . Vós que sois valentes e fieis,  
Vós que temeis a Deus e a patria defendeis,  
Vós que amaes o prazer e as bellas cutiladas,  
Jurae, sem tremer, sobre as cruzes das espadas,

desembainha a espada; todos o imitam:

Vossos olhos leaes fitos nos olhos meus,  
A alma posta na tumba, e o pensamento em Deus,  
Que morreréis, com fé, audazes, sem temor,  
Defendendo a Allemanha e o vosso imperador!

TODOS

Juramos!

GERBERTO

Assim seja!

OTHÃO

Agora, eu, Othão  
Terceiro, imperador de Roma e d'Allemanha,  
Pondo nos labios meus todo o meu coração,  
O peito ardendo em crença, e a alma n'essa extranha  
Firmeza que nos dá o perigo a conjurar.

Apparece á porta Estephania, que pára; acompanha-a Adelaide.

Juro sempre fazer justiça, exterminar  
O mal, lutar, cair, pela fé, combater  
Pelos fracos e bons, o imperio defender  
E sustentar com gloria a corôa de meus paes!

Embainham as espadas. Estephania entra.

ESTHEPHANIA

vae a ajoelhar:

Senhor! Como sois grande e altivo!

OTHÃO

detenô-a:

É em taes

Horas que o coração exclue o desespero!  
A alma que ama soffre, e essa tortura é vã!

Voltando-se para Conrado:

Margrave de Thuringio! Em tí confio e espero!  
D'aquí a pouco tempo, ao raiar da manhã,  
Estarás a caminho, as hostes commandando.  
Eu parto já. Envia a Parma um mensageiro  
Que vá da minha marcha a noticia espalhando.  
Vae. E' preciso ser audacioso e ligeiro...

Movimento nos grupos. Cavalleiros armam-se. Conrado fala-lhes; vão saindo a pouco e pouco. Othão aproxima-se de Estephania; com desalento:

Estephania! Estephania! A gloria de que vale!  
Viver é ser feliz, e ser príncipe um mal!

ESTHEPHANIA

E ides partir, senhor?!

OTHÃO

Poucos instantes tenho...

ESTHEPHANIA

juntando as mãos:

Não! fícae! Por quem sois, não partaes... Eu convenio  
Que isso seja preciso ao bem do vosso imperio.  
Que a mão que arranca a espada e vacilla é pequena,  
Que a corôa imperial é de lagrimas plena,  
E que a razão de estado é p'ra nós um mysterio!  
Mas pensae que ides longe, em guerras, padecer,  
Supportar tanto fel, lutar... talvez morrer!

HENRIQUE DE MENDONÇA.

## THEATROS

**D. Amelia** — O sub-prefeito de Chateau Buzard. **D. Maria** — Cavallaria Ligeira. **Trindade** — As calças do juiz de paz. **Rua dos Condes** — De portas a dentro.

Como era naturalissimo, foi o genero carnavalesco que atravessou o Carnaval. Estiveram em pleno dominio da galhofa todos os theatros de Lisboa; e os que não fizeram *reprise* das peças mais galhofeiras puzeram outras pela primeira vez em scena no intuito de desopilar com mais força o figado e arrancarem com mais estridor a gargalhada.

Deu o rebate o theatro **D. Amelia** com o *Sub-prefeito de Chateau Buzard*, que fez a sua entrada triumphal em scena na vespera do domingo magro.

E a empresa, que tem o velho condão de se enganar raras vezes, d'esta, graças a S. Luiz de Braga e a Eduardo Garrido, acertou em toda a linha. Peça de lavar e durar, este *Sub-prefeito* manteve-se com galhardia no seu posto, poz todos os figados em boa disposição, levou o bom humor a todos os rostos, e acamaroteiro deu tanto que fazer que não teve mãos a medir nos dias em que o cartaz a annunciava.

No genero da *Lagaritiza* e do *Outro eu* tem graça ás carradas, *trucs* engenhosos, salientando-se entre todos aquelle que constitue a base da comedia de Gondillot, e que consiste em ser um creado boçal, que pela força das circumstancias faz de sub-prefeito, obrigado a desempenhar as funções que competem ao amo, e que *tant pis que mal vae* desempenhando, dando lugar ás scenas mais imprevisas, aos episodios mais picarescos e aos effeitos mais comicos que pode imaginar-se.

A *graça e ao savoir faire* que n'este papel ostenta Augusto Rosa, aos encantos de Lucilia Simões, attraente e galante na actriz franceza, e ao excellente desempenho emfim de Josepha de Oliveira, de Christiano, de Chaby, de Augusto Antunes, de Pinheiro, de Gil e de Henriques Alves, se deve grande parte do exito do *Sub-prefeito de Chateau Buzard*, que Eduardo Garrido, com a arte que o caracteriza, accomodou primorosamente à scena portugueza.

Tambem **D. Maria** quiz dar no carnaval peça *sui-generis*. E conseguiu-o, porque a *Cavallaria Ligeira* não tem nenhuma que se lhe assemelhe, nem na forma especial da graça, nem na estrutura da peça, nem no extenso desenrolar dos quadros. É uma critica chistosa e theatral aos rigores da disciplina militar, mas o auctor, G. Courteline, esqueceu-se de que sem elemento feminino, tão abundante quanto seja possível, não ha peça que tenha exito seguro e completo. O sr. Camara Lima, que tem a mão já feita no theatro, e que ao trabalho que teve com a *Cavallaria Ligeira* chamou um *arreglo*, tinha, por esse motivo, toda a liberdade de cortar, accrescentar, limar, fazer o que melhor lhe parecesse para que a esta comedia carnavalesca o publico não regateasse os seus applausos. Não o fez. Proposito ou imprevidencia, reconhece agora decerto que seria de melhor orientação e de mais asiado criterio fazer na *Cavallaria Ligeira* modificações importantes, que a tornassem menos monotona, e portanto mais viavel.

Ferreira da Silva e Fernando Maia pozeram nos seus papeis, os mais importantes da comedia, — faculdades e recursos, que lhes dariam maior gloria em obra de maior valor.

Quiz a **Trindade** dar tambem peça hilaritante, e ahi temos em scena *As calças do juiz de paz*, que o sr. Soller verteu para a nossa lingua com o conhecimento que tem do theatro.

Por collaborador musical teve um artista de subido merito, Nicolino Milano, que escreveu uma musica deliciosa, em que podem salientar-se, no primeiro acto a wals e a polka, no segundo o côro, e no terceiro a canção.

O que é *As calças do juiz de paz*? *Chí lo sa?* Quem é capaz de descrever estas peças, que constituem uma especialidade theatral, em que a logica e a verdade podem brilhar pela ausencia, mas que em compensação são abundantes em situações picarescas, imprevisas, com todos os elementos que conquistam o riso e provocam o applauso. É um genero theatral em que a collaboração do actor tem uma intervenção tal que não raro a torna mais valiosa que a propria obra interpretada. E' o que acaba de dar-se com este engraçado *vaudeville*, que os melhores artistas da Trindade fizeram realçar com o seu talento comico e a sua especial disposição para o genero.

Alfredo de Carvalho, o Santinhos, o Mattos, a Amelia Barros, a Theresa Mattos e Jayme, e outros ainda mostraram que não ha peça de pouco valor quando os artistas o tem sem contrafacção e que quando elles tem na mão o publico, não é na mão d'elles que morrem quaesquer trabalhos theatraes, ainda que como este não seja um modelo de inspiração ou de talento.

Eis-nos na **Rua dos Condes** em plena revista, se revista hoje se pode chamar a algum genero theatral, visto que a rasoura da policia fez eliminar por completo o que d'antes era o attractivo, o encanto popular, o *acepito*, o *plat du jour* d'estas obras modestas do theatro em que apenas se exigia o que hoje é... prohibido.

Pois com todas as rasuras, com todos os côrtes, com todas as prohibições, a revista em tres actos *De portas a dentro* teve exito. Porquê? Temol-o dito cem vezes. Porque o sr. Baptista Diniz é o revisteiro por excellencia. Nascu para fazer revistas como outros nasceram para fazer operas ou poemas. Tem o condão especial de encontrar a graça popular, de fazer o trocadilho, de dar a phrase d'effeito. E é tão bem fornecido o seu arsenal, que sem desacato á lei nem á policia, encontra n'elle todos os petrechos necessarios, e com as armas de que dispõe faz pontaria certa e fogo vivo. D'esta vez teve o auctor *De portas a dentro* collaboradores valiosos; a começar por Salvador Marques, o director tecnico do theatro, de ha muito habituado a vencer difficuldades que se levantam sempre que é preciso pôr em scena trabalhos theatraes d'esta natureza. A musica, de Paschoal Pereira, tem trechos felizes, accentuadamente populares, e os trabalhos de scenographia honram o pincel de Augusto Pina, Luiz Salvador, Valdez, Cesar Maximo, e do filho de Eduardo Reis. No desempenho tem as honras da revista — segundo a phrase consagrada — Marcellino Franco, excellente actor comico, tão bem caracterizado de Zé Povinho, que dir-se-ia ter sido elle o modelo para a figura creada e immortalizada por Bordallo Pinheiro.

Com estes poderosos auxiliares e com a collaboração do *costumier* que poz nos fatos arte e luxo, foi completo o exito da Revista, que longo tempo deverá conservar-se no cartaz da **Rua dos Condes**.

JAYME VICTOR.